

# CONSTRUÇÕES FINAIS EM PORTUGUÊS: Unidirecionalidade e iconicidade

---

Célia Brito  
Universidade Federal do Pará

## RESUMO

Dentro de uma perspectiva sócio-cognitiva, procura-se examinar a unidirecionalidade sintática de construções finais em enunciados orais e escritos da língua portuguesa. O paradigma de análise orienta-se pelo funcionalismo americano, como de Matthiessen & Thompson (1988), Givón (1990) e Hopper & Traugott (1993). O objetivo é ver que subprincípios da iconicidade estão (mais)relacionados com a gramaticalização ou não de construções finais, tendo em vista diferentes gêneros de segmentos de discursos em textos orais e escritos. A pesquisa tem apontado que, independentemente da modalidade de expressão, construções finais prepositivas tendem a ocorrer mais que construções finais conjuntivas, e que o gênero bem como fatores cognitivos parecem ser os condicionadores mais envolvidos com o fenômeno da gramaticalização daquelas construções. Este estudo vem se juntar a outros já realizados, referentes à linha de pesquisa Documento, Descrição e Análise da Língua Portuguesa desenvolvida no gender Curso de Mestrado em Letras da UFPA, que procuram justificar codificações sintáticas por meio de condicionamentos sócio-cognitivos determinados em interlocuções.

**PALAVRAS-CHAVE:** Unidirecionalidade sintática; enunciados orais e escritos; língua portuguesa.

## ABSTRACT

Under a sociocognitive perspective, this paper examines the syntactic unidirectionality of final constructions in oral and written Portuguese utterances. The analysis is based on American functionalism, as presented in Matthiessen & Thompson (1988), Givón (1990) e Hopper & Traugott (1993). The purpose of this study is to show which iconicity subprinciples are or are not related to the grammaticalization of final constructions, taking into account different discourse genres in oral and written texts.

**KEY WORDS:** Syntactic unidirectionality; oral and written utterances; Portuguese.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Dentro de uma perspectiva sócio-cognitiva, procura-se examinar a unidirecionalidade sintática de construções finais em enunciados orais

e escritos da língua portuguesa. O paradigma de análise orienta-se pelo funcionalismo americano, como de Matthiessen & Thompson (1988), Givón (1990) e Hopper & Traugott (1993). O objetivo é ver que subprincípios da iconicidade estão (mais) relacionados com a gramaticalização ou não de construções finais, tendo em vista diferentes gêneros de segmentos de discursos em textos orais e escritos.

A pesquisa tem apontado que, independentemente da modalidade de expressão, construções finais prepositivas tendem a ocorrer mais que construções finais conjuntivas, e que o gênero bem como fatores cognitivos parecem ser os condicionadores mais envolvidos com o fenômeno da gramaticalização daquelas construções.

Este estudo vem se juntar a outros já realizados, referentes à linha de pesquisa Documentação, Descrição e Análise da Língua Portuguesa desenvolvida no Curso de Mestrado em Letras da UFPA, que procuram justificar codificações sintáticas por meio de condicionamentos sócio-cognitivos determinados em interlocuções.

## 1 A PARATAXE, A HIPOTAXE E A SUBORDINAÇÃO

Considera-se que, quanto menor for o engajamento, o conhecimento, ou o grau de certeza que se tem dos fatos do mundo, tende-se expressá-los por meio de enunciados que se relacionam de modo mais independente, ou seja, por meio da parataxe, e, quando ocorre o contrário, os enunciados se relacionam de modo mais dependente, chegando até o ponto de uma subordinação ou gramaticalização.

Assim, teoricamente, se pode deduzir que a parataxe e a subordinação constituem-se em dois extremos mediados por diferentes graus de maior ou menor relacionamento de enunciados, o que leva a se pensar que essas relações se constituem em um *continuum*, que vai da maior a menor dependência que as idéias guardam entre si, que pode ser explicado pelo princípio da unidirecionalidade.

Um exemplo de esquema desse *continuum* pode ser o apresentado por Hopper & Traugott (1993).

parataxe à hipotaxe à subordinação

Na tentativa de elucidar que somos levados a escolher por um determinado momento relações paratáticas que podem vir a ser expressas por meio da subordinação, Votre (1999, p.101-2) apresenta o seguinte exemplo desse fato:

- (1) *Credo quod terra est rotunda.*  
*Credo terra est rotunda.*  
*Credo terram esse rotundam.*

A interpretação para a primeira construção é a de que *quod* é tido como um pronome demonstrativo neutro (aquilo), que, assim sendo, deve-se entender que as idéias são coordenadas: *Credo quod* (creio nisso)/*terra est rotunda* (a terra é redonda). Com o passar do tempo, o pronome deixou de ser usado e, conseqüentemente, terra foi entendido como complemento do verbo da primeira oração, o que comprova a terminação de acusativo que passou a ter, ensejando o verbo passar a ser usado em sua forma infinitiva (*esse*) por encontrar-se desapoiado de sujeito.

As duas ocorrências, a seguir, considero serem um indicativo de uma relação entre idéias que está ocorrendo no momento em interlocuções de falantes do português, em que, a segunda, por apresentar incerteza da finalidade que expressa relativa à ação que está posta no primeiro enunciado, não se relaciona com esta por meio de uma relação mais dependente, por subordinação, e, sim, por parataxe.

- (2) Os cursos da UFPA estão elaborando seu projeto pedagógico. A idéia é que se proponha disciplinas voltadas não apenas para os conteúdos.

(autor não identificado)

- (3) Começa hoje na televisão a campanha natalina do Castanheira. A idéia é resgatar o sentimento infantil dos que ainda acreditam em Papai Noel.

(O Liberal, novembro de 2003)

Percebe-se, em ambos os casos, que a expressão *a idéia* relaciona uma cláusula final à cláusula núcleo, evitando-se, assim, o uso da preposição *para* ou as locuções conjuntivas finais *para que*, *a fim de que*. Assim o falante relaciona idéias por meio da parataxe e não da hipotaxe (encaixamento mais frouxo) ou subordinação (encaixamento menos frouxo). A escolha desse tipo de relação entre os enunciados envolvidos em (2) e (3) expressa que o falante por não ter a certeza de que a elaboração do projeto pedagógico conseguirá propor disciplinas voltadas não apenas para os conteúdos, e se a campanha natalina do Castanheira resgatará o sentimento infantil dos que ainda acreditam em Papai Noel. A construção encaixada possivelmente seja influenciada pela factualidade ou não da idéia que expressa.

O relacionamento das idéias envolvidas em cada uma das ocorrências denota que, sob o ponto de vista pragmático, embora o segundo enunciado de cada qual expresse uma idéia de finalidade, desta ainda não se tem plena certeza. Em vista desse fato, não se constrói uma cláusula final prepositiva ou conjuntiva, haja vista ser isso possível em português quando aquela cláusula expressa uma certeza ou uma determinação, conforme observa-se nos enunciados (4) e (5).

(4) Sai de casa *para ver um filme no Castanheira*.

(5) Comprei um carro *para levar as crianças ao colégio*.

A subordinação sob a consideração da lógica formal é concebida como um processo sintático-semântico em que uma oração se relaciona com outra por meio de um conectivo subordinativo que expressa o *status* semântico desta oração e, assim, identifica a subordinação envolvendo orações dos tipos: substantivas, adjetivas (explicativas e restritivas) e adverbiais. Os enunciados a seguir correspondem, respectivamente, a exemplos dos três tipos referidos.

(6) “... todo tempo eu estô me reciclando ... jornais ... revistas ... e ainda não sei falar inglês nem espanhol ... *que são as línguas ... do que ... do turismo ...*”

(morador de Vigia)

(7) “... uma das coisas *que marcou na minha vida* foi quando ... o radialista perguntou ... o seu Morais perguntou a ela ... *qual seria a primeira impressão dela da Vigia ...*”

(morador da Vigia)

(8) “é ... *apesar de ser professor ... é primário ... formado em magistério ... é ... professor de primeira a quarta série ... mas eu atuo em turismo ... trabalho ... trabalho de ... de guia de turismo local...*”

(morador de Vigia)

Sob uma perspectiva funcionalista, o que é ressaltado da relação das orações é o grau maior ou menor de integração semântico-pragmático entre uma oração encaixada e a oração núcleo, o que em outras palavras significa dizer que propósitos interlocucionais manifestos por verbos proposicionais, perceptuais, emotivos estão em jogo, demonstrando modalizações mais ou menos factuais. Assim, é possível falantes de português formularem enunciados que revelam maior ou menor grau de integração semântico-pragmática.

Concordando com considerações feitas pelo grupo da pesquisa *Discurso & Gramática* (Votre et al. *apud* Gragoatá, 1996, p. 42 -3), visualiza-se, conforme o esquema a seguir, o *status* das orações consideradas pela análise formal como subordinadas:

hipotaxe	subordinação
adverbiais explicativas	substantivas adjetivas restritivas
- encaixada (- vinculada)	+ encaixada
- gramaticalizada	+ gramaticalizada

## 2 CONSTRUÇÃO FINAL EM PORTUGUÊS

Por que construímos orações finais ora com a preposição ora com locução conjuntiva?

(9) O Governo poderia pagar melhor o funcionário público *para promover o bem estar da sociedade*.

(10) *Para que ele fizesse as atividades escolares*, sua mãe lhe prometia um presente.

Considerando que nas interlocuções a escolha de uma construção em detrimento de outra não se dá ao acaso, revela, sim, propósitos comunicativos, não se pode deixar de conceber orientações da teoria dos espaços mentais (Fauconnier, 1994; Fauconnier & Sweetser, 1996) para tentar responder à questão feita acima, porquanto a gramática desses enunciados é reflexo de processamentos cognitivos decorrentes da relação semântico-pragmática que expressam.

Concebe-se que, segundo essa orientação, que construções com *para* são não-marcadas e com *para que* são marcadas, por estas serem menos previsíveis, haja vista apresentarem maior taxa de informação nova. Por outro lado, compreende-se que os subprincípios da iconicidade: quantidade, ordenação linear e proximidade também explicam o que condiciona a escolha de construções finais com *para* e não com *para que* e vice-versa.

– quantidade (estruturas mais complexas se relacionam com maior taxa de informação)

Construções com *para*: estrutura menos complexa  
 Construções com *para que*: estrutura mais complexa

Considerem-se as construções finais com *para* usadas no texto “Escola é perda de tempo”, de Diogo Mainardi, Veja, 24 de setembro de 2003.

(11) “O Estado paga aos pobres *para manterem seus filhos na escola.*”

(O Estado paga os pobres *para que seus filhos estudem.*)

(12) “Os pobres deveriam ser pagos *para manter seus filhos em casa.*”

(Os pobres deveriam ser pagos *para que seus filhos se mantivessem em casa.*)

(13) “Ele sempre pede mais recurso *para atingir o objetivo (da escola).*”

(Ele sempre pede mais recurso *para que o objetivo (da escola) seja atingido.*)

(14) “*Para melhorar a qualidade do ensino*, o Ministério as Educação criou um provão para professores.”

(*Para que a qualidade do ensino melhore*, o Ministério as Educação criou um provão para professores.)

As construções finais no texto de Diogo Mainard foram todas formuladas com *para*, apresentaram, portanto, uma forma gramatical menos complexa que a forma das construções finais que se apresentam entre parênteses, formulados com *para que*.

– ordenação linear (quanto mais importante, mais previsível, mais temática for uma informação tanto mais ela tenderá a ser localizada no início do enunciado)

Construções com *para*: informação mais previsível  
 Construções com *para que*: informação menos previsível

Os enunciados acima servem para exemplificar esse subprincípio. As construções finais do texto de Diogo Mainard apresentam o mesmo sujeito das orações núcleos, então são tendem a ocupar o início das orações, do que decorre um grau de processamento cognitivo menos complexo, o que favorece a escolha de *para* e não de *para que*.

– proximidade (quanto maior integração semântico-pragmática maior integração sintática)

Construções com *para*: mais integradora, mais vinculada semântico-pragmaticamente

Construções com *para que*: menos integradora, menos vinculada semântico-pragmaticamente

Tendo por base esse subprincípio, pode-se responder à pergunta que comumente as gramáticas descritivas apresentam acerca da restrição de construções finais com *para que*:

Por que não se constrói oração final com conjunção, se o sujeito desta oração e o da principal forem iguais?

(15) “O diretor da Agência Espacial Brasileira, o engenheiro Luiz Bevilacqua, usou a tragédia na base de Alcântara *para pedir mais dinheiro ao governo.*”

(Mainardi, Diogo. “O nacional-foguetismo”. Veja, 3 de setembro de 2003)

(\*”...” *para que pedisse mais dinheiro ao governo.*)

No enunciado (15), os sujeito “O diretor da Agência Espacial Brasileira, o engenheiro Bevilacqua” é o mesmo da oração seguinte, o que revela uma integração maior entre as orações e, assim, processar-se cognitivamente a escolha de *para* e não de *para que*.

Segundo, portanto, os subprincípios de iconicidade, construções finais com *para que* envolvem um grau maior de complexidade, mas, por outro lado, são reveladoras de maior envolvimento pragmático, que, muitas vezes, supera as dificuldades cognitivas de processamento que o falante possa expressar ao construí-las. Os enunciados (16) e (17) são exemplos desse fato.

(16) "... a gente vai informando pras pessoas mesmo estrangeiras que aqui chegam ... é... de formas sim ... simples ... *para com que eles intendam o que se fez ...*"

(morador de Vigia)

(17) "... chegar a um determinado ... determinado ... de ... denominador comum ... de para e pensar de dizer assim ... olhava va...vamos incentivá alguém *para a que se possa fazê um ...um ...um centro de convenção ... um hotel ou mesmo uma pousada ...*"

(morador de Vigia)

Tem-se observado na pesquisa que se constroem mais orações finais com a preposição *para* do que com as locuções conjuntivas *para que* ou *a fim de que*. Deduz-se que a proposta pragmática dos discursos tanto orais quanto escritos, independentemente dos tipos de gêneros de texto, não exige maior independência da construção final. Dois exemplos podem ser dados para ilustrar esse fato: o texto de Diogo Mainardi, "O nacional-fogueteismo" (Veja, 3 de setembro de 2003), acima referido, que apresentou 4 construções finais e todas com *para* e o texto de Rosana Zakabi, "Não perca o sono", (Veja, 24 de setembro de 2003), que de onze construções finais, apenas uma foi construída com *para que*.

(18) "O balão liga-liga-desliga trata-se de um conjunto de células só ativado quando o indivíduo dorme. Apelidado de *sleep swich* (o interruptor do sono, em inglês), desliga determinadas funções cerebrais *para que o sono ocorra.*"

(Veja, 24 de setembro de 2003)

### 3 DIFERENTES GRAUS DE DEPENDÊNCIA

Apresentam-se, a seguir, enunciados com diferentes graus de dependência semântico-pragmática em ordem crescente de integração e o tipo de relacionamento cognitivo envolvido: não correferencialidade anafórica; Correferencialidade entre objeto oblíquo e sujeito; Correferencialidade entre objeto direto e o sujeito da final; e Correferencialidade entre sujeitos.

#### 1 Não correferencialidade anafórica

"O balão liga-liga-desliga trata-se de um conjunto de células só ativado quando o indivíduo dorme. Apelidado de *sleep swich* (o interruptor do sono, em inglês), desliga determinadas funções cerebrais *para que o sono ocorra.*"

(Veja, 24 de setembro de 2003)

"... chegar a um determinado ... determinado ...de ... denominador comum ... de para e pensar de dizer assim ... olhava va ... vamos incentivá alguém *para ... a que se possa fazê um ... um ... um centro de convenção ... um hotel ou mesmo uma pousada ...*"

(morador de Vigia)

Esses enunciados apresentam grau de independência maior porque não há correferencialidade anafórica entre os sujeitos das orações envolvidas, o que justifica a escolha de construção final conjuntiva e não prepositiva.

#### 2 Correferencialidade entre objeto oblíquo e sujeito

"...ele não trabalhava e a mulher dele dizia ... olha ... pode deixar que o alimento de carne eu te dou ... *que é pra ti comer todo dia...*"

(morador de Cametá)

#### 3 Correferencialidade entre objeto direto e o sujeito da final

"...aí o pirralho do cumpadre veio me chamar *pra ir lá na casa dele ver o outro pequeno...*"

(morador de Cametá)

"... passei os olhos em cima do moleque e vi que ele tava com mal olhado ... pois eu passei uma fricção no peito dele e rezei pra Deus e pros Santos de Guarda ... *pra dá a saúde do piqueno ... né?*"

(morador de Cametá)

#### 4 Correferencialidade entre sujeitos

"... Eu vou lá pra casa do meu sogro *pra ver se eu descubro esse negócio ... bom ... aí ele saiu pra casa do sogro dele ...*"

(morador de Cametá)

#### Caso ambíguo

"... eles não tinham nada o que comer ... rapaz ... como é agora pra nós jantar ... nós não temos nada o que comer ... mas tu fica aí ... que eu vou fazer uma armadilha ... era para pegar um bicho que desse pra comê na janta ..."

(morador de Cametá)

– interpretação 1: "armadilha" é correferente do sujeito de "pegar" (correferencialidade entre objeto direto e o sujeito da final; grau de dependência cognitivo pragmática menor em relação ao da interpretação 2);

– interpretação 2: a oração “era para pegar um bicho que desse pra comê na janta ...” é a finalidade do *fazer* expresso na primeira oração: “eu vou fazer uma armadilha” (correferencialidade entre sujeitos; grau de dependência maior em relação ao da interpretação 1).

## REFERÊNCIAS

FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. SWEETSER, Ewe (eds.). *Spaces, Worlds and Grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: J. Benjamins, V. 2, 1990.

HOPPER, Paul J., TRAUOGOTT, Elizabeth-Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MATHIESSEM, C., THOMPSON, S. The structure of discourse and subordination. In: HAIMAN, J. THOMPSON (Org.) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1988, p. 275-329.

VOTRE, Sebastião, A Interação Sincronia/Diacronia no Estudo da Sintaxe. In: *Delta*, Vol. 15, no 1, 1999, p.85-110.

VOTRE, Sebastião et al. Marcação e iconicidade na gramaticalização de construções complexas. In: *Gragoatá: Linguagem, Língua e Discurso*. Niterói: Universidade Federal Fluminens, 1998, p. 41-58.